

ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO CONTEXTO ESCOLAR: MANIPULAÇÃO, NÃO; CONTRIBUIÇÃO, SIM

Idalina Amélia Mota Pontes

RESUMO – No complexo processo que envolve a aprendizagem, revela-se significativa a atuação preventiva do psicopedagogo no contexto escolar, onde muitas informações e vários aspectos têm que ser observados e analisados. Ter conhecimento de como o aluno constrói o seu saber, compreender as dimensões das relações com a escola, com os professores, com o conteúdo e relacioná-los aos aspectos afetivos e cognitivos, permite um fazer mais fidedigno ao psicopedagogo. Deve-se considerar que o desenvolvimento do aprendente se dá de forma harmoniosa e equilibrada nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social.

UNITERMOS: Instituições acadêmicas. Psicopedagogia. Família.

Idalina Amélia Mota Pontes – Graduada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar pela Universidade Estadual do Ceará; Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Christus, Fortaleza, CE.

*Correspondência
Idalina Amélia Mota Pontes
Fortaleza, CE, Brasil*

INTRODUÇÃO

A modernização do sistema educativo, atual, passa por uma descentralização e por um investimento das escolas como espaços de formação e não de frustração. Um dos primeiros passos do psicopedagogo seria realizar um diagnóstico buscando a história da escola, para entender melhor sobre a rede de movimentos e a identidade dessa instituição. Estabelecendo a partir daí um trabalho de ação preventiva que amenize ou impeça as dificuldades de aprendizagem, articulando uma postura de diálogos e contribuindo para que as mudanças possam acontecer na comunidade escolar.

DIAGNOSTICANDO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A atuação psicopedagógica na escola implica num trabalho de caráter preventivo e de assessoramento no contexto educacional.

Segundo Bossa¹, *"pensar a escola à luz da Psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e sócio-culturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade"*.

No diagnóstico psicopedagógico, é essencial que se considere as relações entre produção escolar e as oportunidades reais que a sociedade dá às diversas classes sociais. A escola e a sociedade não podem ser vistas isoladamente, pois o sistema de ensino (público ou privado) reflete a sociedade na qual está inserido. Observa-se que alunos de baixa renda ainda são estigmatizados, na questão do aprendizado, como deficientes.

Ao chegar numa instituição escolar, muitos acreditam que o psicopedagogo vai solucionar todos os problemas existentes (dificuldade de aprendizagem, evasão, indisciplina, desestímulo docente, entre outros). No entanto, o psicopedagogo não vem com as respostas prontas. O que vai acontecer será um trabalho de equipe, em parceria com todos que fazem a escola (gestores, equipe técnica, professores, alunos, pessoal de apoio, família). O psicopedagogo entra na escola para ver o "todo" da instituição.

Barbosa² afirma que *"a escola caracteriza-se como um espaço concebido para realização do processo de ensino/aprendizagem do conhecimento historicamente construído; lugar no qual, muitas vezes, os desequilíbrios não são compreendidos"*.

A aprendizagem escolar, durante várias décadas, foi vista como algo distante do prazer e entendida como um mal necessário.

Então, o grande desafio das escolas, nos dias de hoje, é despertar o desejo dos alunos para que possam sentir prazer no aprender.

A opinião de Barbosa² é clara quando argumenta que:

"Transformar a aprendizagem em prazer não significa realizar uma atividade prazerosa, e sim descobrir o prazer no ato de: construir ou de desconstruir o conhecimento; transformar ou ampliar o que se sabe; relacionar conhecimentos entre si e com vida; ser co-autor ou autor do conhecimento; permitir-se experimentar diante de hipóteses; partir de um contexto para a descontextualização e vice-versa; operar sobre o conhecimento já existente; buscar o saber a partir do não saber; compartilhar suas descobertas; integrar ação, emoção e cognição; usar a reflexão sobre o conhecimento e a realidade; conhecer a história para criar novas possibilidades".

Barbosa² ressalta, ainda, que *"a Psicopedagogia, como área que estuda o processo ensino/aprendizagem, pode contribuir com a escola na missão de resgate do prazer no ato de aprender e da aprendizagem nas situações prazerosas"*.

O psicopedagogo sabe que para aprender são necessárias condições cognitivas (abordar o conhecimento), afetivas (estabelecer vínculos), criativas (colocar em prática) e associativas (para socializar).

Deve-se estar atento frente às grandes mudanças que ocorreram nas propostas educacionais. Atualmente, o conhecimento científico só tem sentido se for ligado ao social, engajado ao cotidiano, onde através dele se possa encontrar

soluções. A reforma educacional brasileira é extremamente exigente. Os paradigmas dessa reforma estão centrados na verdade aberta, no conhecimento múltiplo, transdisciplinar. As mudanças não acontecem na mesma proporção, nem na mesma velocidade. A apropriação leva um tempo até ser introspectada, compreendida e colocada em prática. As mudanças (a introdução no novo) num ambiente escolar têm que ser escalonadas e sucessivas, priorizando-se e hierarquizando-se as ações.

O velho paradigma de que muitos são oriundos apresenta uma escola cartesiana, fragmentada, de pensamento dominante, com verdades absolutas (fechadas), reprodução do conhecimento. O grande problema da escola é que ela dá um conteúdo e exige resposta "única". Analogicamente falando, a escola procede da seguinte forma: um grupo de crianças vai andando pela calçada e, de repente, depara-se com um cavalete obstruindo a passagem. Daí, a escola adianta-se e retira o cavalete do meio ou manda que todos passem por baixo. Agindo assim, não permite que a criança descubra o que fazer para transpor o obstáculo. Ela poderia ter a ideia de passar por baixo, escalá-lo, passar do lado, retirá-lo ou outras. No entanto, a escola impede o aluno de levantar hipóteses, de transgredir. Existem várias formas de se responder a uma questão ou vários caminhos de se chegar a ela, pois não existem respostas "prontas".

Como declara Barbosa²:

"É tarefa difícil para o professor convocar a inquietação num sistema tradicional, em que não é permitido ousar, ser artista ou cientista, e sim no qual a reprodução, apesar de todos os discursos modernos, continua sendo o objetivo principal de nossas escolas".

Hoje, na escola, tem que haver partilha, cooperação, questionamento, reflexão, oportunidade do outro se colocar – o processo é coletivo.

Para que o psicopedagogo realize um diagnóstico numa instituição escolar, sugere-se que se observem as características organizacionais, bem como a abordagem da cultura da escola³.

Quando o psicopedagogo entra numa escola, muitas coisas têm que ser levadas em conta, pois, por trás de uma fachada, pode-se encontrar uma escola "desorganizada". Diretor pouco envolvido com o trabalho, professores pouco motivados (dão aulas de acordo com o salário que recebem). Então, qual a cultura que está por trás dessa situação? Situações assim, não são fáceis de se perceber, porque não são visíveis. Ou seja, as bases conceituais da escola estão inseridas numa zona de invisibilidade (não está explícito). Uma das bases é a "cultura", que exprime valores, crenças e ideais de um grupo. Isso significa dizer, que as escolas produzem uma cultura que lhe é própria. A cultura não é um sistema de ligações, mas uma rede de movimentos, numa perspectiva interacionista.

Esse seria o primeiro passo a se tomar, ou seja, buscar a história dessa instituição para procurar entender como acontece o seu movimento. O psicopedagogo tem que tomar conhecimento do documento que dar o perfil que identifica a escola – o Projeto Político Pedagógico (PPP), que é uma obrigação de toda escola. O PPP é quem comanda a energia e a vida da escola. Os professores, principalmente, têm que conhecê-lo, até para saber com o que eles estão compactuando.

Realizar o PPP de forma coletiva é trabalho: ouvir os outros, refletir com os outros. O que de fato acaba acontecendo em muitas escolas é a direção convocar apenas a equipe técnica para montar o PPP, sem a participação dos professores. Deve-se romper com essa postura do trabalho "solitário". Tem-se que dar espaço para que todos possam discutir, interagir, modificar, construir. Muitas vezes, até o diretor resolve fazê-lo sozinho ou "copiar" de algum colega. Mas, se o PPP identifica a escola, não poderá ser copiado, pois cada escola tem suas características próprias, até mesmo o meio onde está inserida – a realidade de cada escola é diferente, tem suas peculiaridades.

Quando o diretor da escola não sabe montar o PPP, poderá contratar um serviço de assessoria, para orientá-lo na elaboração, através de dados e informações (filosofia, meio em que

está inserida, tipo de clientela que atende, aspectos pedagógicos) fornecidos de acordo com a realidade da escola. Sua estrutura física: prédio, dimensão e organização dos espaços, recursos materiais; estrutura administrativa: gestão (direção), equipe técnica, corpo discente e docente, pessoal auxiliar, tomadas de decisões, participação da comunidade, relação com as autoridades centrais e locais (Secretarias de Educação); estrutura social: relação entre alunos, professores e funcionários, responsabilidade e participação dos pais, democracia interna, cultura organizacional da escola, clima social.

A modernização do sistema educativo passa pela descentralização e por um investimento das escolas como lugar de formação.

Como declara Bassedas⁴:

"A escola, como instituição social, pode ser considerada de forma ampla e, de acordo com a teoria sistêmica, como um sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social. Entre esses sistemas, o familiar é o que adquire o papel mais relevante à educação e assim, na atualidade, vemos a escola e a família em inter-relação contínua, mesmo que nem sempre sejam obtidas atuações adequadas, já que, muitas vezes, agem como sistemas contrapostos mais do que como sistemas complementares".

Dentro do sistema escolar existem vários subsistemas que entre si interagem, numa rede de movimentos, onde a informação deve circular em todas as direções, contemplando o sistema como um todo.

O tipo de escola onde todas as decisões têm que passar por uma única pessoa torna o trabalho amarrado, preso. Tem que haver descentralização do poder para que o sistema possa fluir e, para isso, todos os subsistemas têm que se interagir mutuamente.

O poder de decisão tem que estar mais próximo dos centros de intervenção, responsabilizando diretamente os atores educativos. Assim,

na ausência do diretor, não há necessidade de esperar que o mesmo chegue para que se tomem certas decisões. Dentro da escola deverá ter uma pessoa que se responsabilize e tome as iniciativas inerentes a cada setor.

O papel dos estabelecimentos de ensino como organizações funciona numa tensão dinâmica (a interrelação não é estática): entre a produção e a reprodução; entre a liberdade e a responsabilidade.

O psicopedagogo vai questionar o que mais está acontecendo na escola: produção ou reprodução do conhecimento? Sabe-se que existe a reprodução do conhecimento, mas a escola tem que garantir um espaço para a produção do mesmo.

Qual o espaço de construção, de produção que o professor tem na escola? Muitos professores aproveitam para se acomodarem atrás do discurso de "não poder fugir do programa". Esse professor não foi estimulado a criar conhecimento, ou seja, enquanto aluno não teve essa matriz. Quem passou por uma escola que deu espaço para a produção do pensamento?

Quanto à questão da liberdade em sala de aula, o professor pode ministrar o conteúdo da forma que achar conveniente. Só que essa liberdade está atrelada ao sentido de autonomia, que implica numa responsabilidade. Então, o professor tem que usar essa liberdade e autonomia, para poder propiciar muito mais a questão da produção ou criação. O professor resiste à mudança em sua forma de ministrar aula com medo de não dar certo – essa dúvida o impede de mudar. Quando o professor perceber que, além de ensinar, tem que aprender como é que se aprende, sua postura transformar-se-á.

De acordo com Nóvoa³, o olhar centrado nas organizações escolares deve contextualizar todas as instâncias e dimensões presentes no ato educativo. Para haver a compreensão é necessário que haja contextualização. O contexto ajuda a entender e a explicar o que está acontecendo.

Na perspectiva de Nóvoa³, a capacidade integradora pode conceder à análise das organizações escolares um papel crítico e estimulante,

evitando uma assimilação tecnocrática ou um esvaziamento cultural e simbólico.

Isso quer dizer que, quanto mais desintegrados forem os subsistemas, menos entrosamento vai existir neles. Nesse clima de desintegração, vai acontecer esvaziamento cultural e simbólico (empobrecimento e perda da capacidade de simbolizar o conhecimento de outra forma, em outras situações), por exemplo, quando o professor fica amarrado ao planejamento, bem como, quando ocorre uma assimilação excessivamente tecnocrática (os diretores têm que tomar decisões autoritárias).

Para fazer um diagnóstico institucional, o psicopedagogo vai questionar como se realiza a gestão na escola. Se realmente existe democracia. Como fluem as relações. São aspectos que o psicopedagogo terá que observar. E isso não é pouca coisa, é muita coisa!

A institucionalização dá-se de forma processual, ou seja, não acontece de uma hora para outra. É toda uma história, todo um caminho, que vai obter um resultado bom ou ruim, mais ou menos aceitável. É esse processo de institucionalização que vai viabilizar as mudanças organizacionais, podendo também ser de maneira negativa ou positiva.

A cultura é fruto de uma rede de movimentos, ou seja, daquelas interações entre os subsistemas de um sistema. É esse funcionamento que vai possibilitar o processo de institucionalização. Caso a rede não funcione ou não seja realmente uma rede (apenas se faz mera aplicações entre os subsistemas), tornar-se-á truncada, deixando de gerar mudanças substanciais.

Não resta dúvidas de que há resistência às mudanças, pois é algo que dá trabalho, que "desequilibra" e têm algumas que ameaçam mais, exigem mais esforço, demandam mais tempo. O professor está acostumado com a sua prática cotidiana engessada, não quer mudar, pois do jeito que está sempre deu certo, porque mudar assusta, é trabalhoso (tem que estudar mais, buscar coisas para alterar o seu planejamento). Então, entra numa identidade que a Psicologia Social chama de "identidade da mesmice".

Bassedas⁴ destaca que *"é importante assinalar que em todos os sistemas abertos existem sempre tendências contrapostas à estabilidade e à mudança"*.

Enfatiza, ainda, Bassedas⁴ que:

"Geralmente, os sistemas tentam manter um equilíbrio entre as tendências que produzem uma transformação e aquelas que tendem à manutenção da estabilidade, com a finalidade de conseguir uma homeostase, um equilíbrio que lhe permita "sobreviver"."

O psicopedagogo é chamado justamente para ver o que está acontecendo com aquela escola, porque a rede de movimento não está funcionando e por essa razão as mudanças não estão ocorrendo.

Uma das características de um sistema, seja ele qual for, é de manter a homeostase, isto é, o movimento de equilíbrio. Às vezes, o que é o equilíbrio? É uma situação de comodidade, parada. E se alguém propõe uma mudança, gera o desequilíbrio. Daí se perde esse aparente equilíbrio, o que manifesta uma inquietação.

Como é esse olhar da mudança na escola? Sabe-se que a maioria das escolas não é essa maravilha de rede de movimentos. O desafio do psicopedagogo é mobilizar para que haja esse movimento, para que a mudança consiga ocorrer.

Na instituição escolar algumas "manifestações" são identificadas e acabam por retratarem o que se passa no ambiente escolar³. Essas manifestações serão melhor explicadas a seguir.

As manifestações verbais e conceituais compreendem os "heróis" (que pode ser bom ou ruim) e as "histórias", ou seja, é a identificação de mitos (algo inatingível) e das narrativas, que marcam a vida da escola.

No diagnóstico, o psicopedagogo terá que indagar que narrativas são essas e como vai identificar heróis, mitos e crenças.

O que é o mito? O mito do incompetente ou do supercompetente. O mito do bicho papão, que pode ser o bode expiatório da escola. Quando alguém chega para o psicopedagogo e diz que quando for falar com o diretor, por

exemplo, deve ir bem preparado para essa ocasião. Observa-se aí, o mito (diretor) e a narrativa (advertência). Então, são essas narrativas que têm que fluir para que o psicopedagogo entre em contato. Assim, poderá ajudar o grupo a desconstruir o mito e entrar em contato com o personagem. Quando se coloca alguém que pertence à relação numa posição de mito, a atuação inviabiliza-se.

As manifestações visuais e simbólicas são os elementos que têm uma forma material passível, portanto, de serem identificados através de uma observação ocular. São os murais, os painéis, os cartazes feitos pelos alunos.

Como a escola lida e dá vazão a essas manifestações visuais? Por meio da semana esportiva e cultural, das olimpíadas, da semana da leitura, do uso do laboratório de ciências e informática, das oficinas. Essas atividades estão na zona da visibilidade. Então, o que o psicopedagogo vê, o que isso lhe conta.

As manifestações comportamentais são os elementos susceptíveis de influenciar o comportamento dos atores da organização: as atividades normais da escola e o modo como são desempenhadas, bem como, o conjunto de normas e regulamentos que as orientam. Incluem-se aqui os rituais e cerimônias que fazem parte da vida organizacional da instituição.

São, por exemplo, a realização de acolhidas ou não; o uso de filas ou não; a prática da reza ou não. As reuniões são sistemáticas ou esporádicas? Os professores queixam-se das reuniões que são demais ou que são de menos? Tudo isso são manifestações comportamentais. O psicopedagogo vai ponderar essas possibilidades na instituição, ou seja, se deseja fazer essa construção ou se naquele momento a escola externa que não tem condições, procrastinando por um momento mais adequado.

Os elementos da cultura organizacional têm de ser lidos na sua interioridade, mas também nas interrelações com a comunidade envolvente. Se a cultura tem um papel de integração, é também um fator de diferenciação externa. Há de se identificar (ou construir) as modalidades

de integração com o meio social. Por exemplo, um projeto pedagógico onde os pais e a comunidade contribuam para ajudar pessoas carentes.

Como afirma Enguita (*apud* Gómez & Sacristan⁵, 1998:

"A escola é uma trama de relações sociais materiais que organizam a experiência cotidiana e pessoal do aluno/a com a mesma força ou mais que as relações de produção podem organizar as do operário na oficina ou as do pequeno produtor no mercado. Por que então continuar olhando o espaço escolar como se nele não houvesse outra coisa em que se fixar além das idéias que se transmitem?"

A escola não deixa de ser uma comunidade em si mesma, que estabeleceu ao longo de sua história relações de afeto entre professores e alunos, entre seus membros e a família. O objetivo em comum que se observa na escola está voltado para a família, bem como, estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento integral dos alunos (dos filhos).

O psicopedagogo vai fazer uma "leitura" nas entrelinhas, das narrativas, do currículo oculto, da dinâmica entre os atores da escola, das possibilidades de mudança, da necessidade de ajuda, dos trabalhos realizados, das dificuldades detectadas, dos vínculos estabelecidos, dos comportamentos e atitudes.

Concorda Bassedas⁴ que a observação "é considerada um recurso muito peculiar do diagnóstico psicopedagógico".

Então, no diagnóstico, a observação é um instrumento que o psicopedagogo utiliza-se para atuar na instituição escolar. Porque, na escola, o psicopedagogo não vai fazer testes com os alunos, nem com ninguém. Além de considerar os aspectos de comunicação e interação essenciais para o processo de aprendizagem. É por essa razão que a observação é fator primordial.

Na instituição escolar, observa-se que ora se é depositante, ora se é depositário. Esse movimento de depósito começa na família, com o projeto inconsciente dos pais, que acabam por

marcar um lugar para cada um de seus filhos, conforme as necessidades que, imaginariamente, o grupo primário (família) pretende preencher com aquele que chega⁶.

Segundo Pichon-Rivière (*apud* Grossi & Bordin⁶), *"a estrutura dos grupos se compõe pela dinâmica dos 3D. O depositado, o depositário e o depositante"*.

Em termos diagnósticos na instituição, o psicopedagogo deve tentar detectar quais são esses elementos: depositados - expectativas, alegrias, medos, confiança, frustrações, tristezas; depositários - aluno/família, filho/escola (professor), professor (escola)/pais; depositantes - escola (professor), família, aluno.

É a partir do diagnóstico realizado que o psicopedagogo poderá propor e executar a sua intervenção. E a meta da intervenção psicopedagógica é a construção de uma identidade própria da escola.

Trabalhar em co-responsabilidade, vislumbrando uma proposta transdisciplinar requer, principalmente, predisposição às trocas e preparo para o diálogo.

INTERVENÇÃO NA ESCOLA: UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO

O objeto de estudo da Psicopedagogia é sempre o sujeito aprendente e esta aprendizagem está sempre relacionada com o próprio sujeito, com o sujeito e o objeto, com o sujeito e o meio, portanto sistematicamente. Isto quer dizer que o psicopedagogo está comprometido com qualquer modalidade de aprendizagem e de ensino e não só a exercida na escola.

Cabe ao psicopedagogo entender como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende em relação ao grupo e sua reação frente a este.

O impedimento para aprender não está atrelado aos fatores orgânicos, mas, também ao estado emocional, que determina e permeia todo tipo de relação, sendo esta uma proposta educacional ou não.

A atuação psicopedagógica tem como base o pensar, a forma como o aprendente pensa e não propriamente o que aprende. É buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender.

Na escola, a tarefa do psicopedagogo visa fortalecer a identidade da instituição, bem como resgatar suas raízes, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequá-la às reais demandas da sociedade.

A intervenção psicopedagógica vem, no curso de sua história, acontecendo na assistência às pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem, por meio do diagnóstico e da terapêutica. Frente ao desempenho acadêmico insatisfatório e com o objetivo de esclarecer a causa das dificuldades, os alunos são encaminhados ao psicopedagogo, pelas escolas que frequentam. Desde o princípio, a questão é centrada no aprendente que não aprende. Agora, a atenção do psicopedagogo não está centrada apenas no aprendente, mas no contexto em que se realiza a aprendizagem.

A psicopedagogia institucional está atenta à compreensão dos mecanismos inconscientes de uma organização, identificando sua rigidez, bloqueios e possibilidades de aprender⁷.

Ressalta Barbosa² que *"na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica, não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender"*.

Barbosa³, ainda, complementa:

"Quando dizemos que a Psicopedagogia se preocupa com o ser completo, que aprende, não podemos esquecer que faz parte da complexidade deste ser a capacidade de aprender em interação com aquilo ou aquele que ensina; e que a ação de ensinar não é sempre exercida pelo professor, assim como a de aprender não é de responsabilidade somente do aluno".

O trabalho do psicopedagogo na escola é de prevenção das dificuldades de aprendizagem.

Ou seja, vai fazer um trabalho institucional: averiguar a formação dos professores; o currículo que está sendo dado e se está sendo adequado às necessidades dos alunos. E a partir dessas necessidades, se o professor está ou não preparado para atender ao aluno. O psicopedagogo vai intervir na formação do professor, supervisor ou orientador pedagógico.

Há exemplos em que os professores são mais bem preparados que o supervisor. Então como pode o supervisor coordenar um trabalho pedagógico junto aos professores, se nem ele sabe (ou tem conhecimento) para mediar essa prática?

O papel do psicopedagogo na escola é, além de realizar uma orientação educacional, propor a intervenção no currículo, no projeto político pedagógico, na metodologia de ensino do professor, nas formas de aprender do professor.

O psicopedagogo poderá contribuir para que haja uma boa comunicação entre escola e família, favorecendo a um clima de confiança e estabelecendo um elo construtivo. Pois esse dueto nem sempre é harmônico, podendo o psicopedagogo deparar-se com situações conflitantes, tensas e pouco produtivas.

Para auxiliar na aprendizagem do aluno, faz-se necessário que os pais estejam integrados à escola, sendo importante que ambos falem a mesma linguagem e trabalhem em conjunto.

Barbosa² afirma que:

"A atuação psicopedagógica junto a um grupo ou instituição, para ser operante, precisa interpretar os papéis desempenhados, a forma como foram atribuídos e assumidos, assim como as expectativas que se encontram latentes neste movimento de atribuir e aceitar o papel. [...] A tarefa de cada um deve estar voltada para o aprender, desde a direção até a portaria ou o serviço de limpeza".

Neste sentido, na instituição escolar, o trabalho do psicopedagogo terá como meta a integração da tarefa objetiva e subjetiva, promovendo uma mediação que possibilite a realização eficaz da tarefa.

Uma escola rígida aponta e delimita padrões de comportamento. No entanto, percebe-se que, mesmo assim, os alunos rebelam-se. Outra escola que não tem tanta rigidez, pelo contrário, é mais liberal, mais aberta, propõe-se a lidar com os questionamentos que os alunos colocam, de repente, fraqueja, porque está havendo muita indisciplina, começando-se a perder o controle da situação.

Na realidade, o sintoma está aparecendo nas duas instituições, tanto na que assume claramente uma postura de rigidez, como naquela que se propõe a ser liberal, democrática.

Então, é essa a questão que tem que ser analisada. Ou seja, qual o sentido que está fazendo para os alunos essas regras tão demarcadas, delimitadas, impostas com clareza? Como esses alunos estão entrando em contato com isso?

A escola até que pode ser liberal, democrática, desde que as pessoas que assumem a direção tenham pelo menos o mínimo de controle dos acontecimentos. A ação democrática significa está sempre dialogando, negociando, senão perde-se a rédea e não se consegue dar conta da situação.

Qual o sentido que esses alunos estão atribuindo à concepção de democracia? E para a direção, coordenação, qual o sentido que está fazendo esta reação dos alunos que já é de insubordinação, de depredação da escola (quebra, destrói, rabisca)? Então, tem-se que ir buscar, "lá atrás", essas reservas de sentido. O psicopedagogo pode ajudar os que fazem a escola a tomarem consciência desse acervo, dessas reservas de sentido.

No trabalho com a escola, após o diagnóstico, o psicopedagogo vai realizar a intervenção apoiando-se na utilização de recursos que promovam a operatividade dos vários grupos e instâncias da instituição.

A intervenção psicopedagógica vai fazer com que o aprender na escola esteja sempre em movimento, sem esquecer de acompanhar o momento histórico e prevenindo a cristalização de vínculos, que só dificultam o desenvolvimento.

O caráter preventivo vislumbra o sentido de reconstruir processos, definir papéis, valoriza

novos conhecimentos, novas formas de aprender / ensinar, novas formas de avaliar o conhecimento, bem como, pessoas, papéis, processos, produtos, objetivos⁷.

Com relação ao trabalho dos psicopedagogos na escola, Fernández⁸ ressalta que:

"[...] precisam utilizar os conhecimentos e a atitude clínica para situarem-se em outro lugar, diferente ao que têm no consultório. A experiência de consultório pode servi-lhes muitíssimo para situarem-se diante de professores, alunos e de si mesmos como alguém que propicia espaços de autoria de pensamento. [...] o psicopedagogo é alguém que convoca todos a refletirem sobre sua atividade, a reconhecerem-se como autores, a desfrutarem o que têm para dar. Alguém que ajuda o sujeito a descobrir que ele pensa, embora permanença muito sepultado, no fundo de cada aluno e de cada professor. Alguém que permita ao professor ou à professora recordar-se de quando era menino ou menina. Alguém que permita a cada habitante da escola sentir a alegria de aprender para além das exigências de currículos e notas".

No entanto, o psicopedagogo nunca deve confundir "intervir" com "interferir". No intervirm a intenção é de ajudar a pensar para se alcançar a resposta. Já o interferir está centrado na manipulação da ação do outro.

A escola tem que aprender a trabalhar com as dificuldades, porque senão corre o risco de cair no vício da rotulação. Ou seja, o professor detecta quinze alunos com dificuldade de aprendizagem e já encaminha todos para a clínica. Claro que não! Tem que primeiro verificar se há outras formas de trabalharem-se os conteúdos. O aluno pode não está rendendo bem nos estudos, até por um problema na dinâmica familiar. Então, como a escola amenizaria isso?

Quando um aluno declara que não gosta de tal professor é uma maneira do psicopedagogo, através dessa fala, deflagrar um problema de

aprendizagem. Porque se o aluno não gosta do professor, provavelmente, não se apropriará da matéria. No caso de um professor cativante, sensível, acolhedor, motivador poderá levá-lo a entender a matéria. Mas, se o professor tem uma característica antipática ou de indiferença, o aluno não será motivado de forma alguma, devido a essa postura inadequada de quem se diz educador.

Uma atividade convencional, tradicional, quando trabalhada de forma lúdica, torna-se mais digestiva, mais leve.

O psicopedagogo tem que se preocupar com o que está sendo depositado e como vai fazer para "limpar" esses depósitos. Então, simbolicamente, seria isso que o psicopedagogo vai ajudar a realizar, ou seja, mediar essa limpeza.

Outro cuidado que o psicopedagogo terá que ter é como vai agir para entender a linha de raciocínio do outro. Todo ponto de vista tem uma origem, então o psicopedagogo terá que entender de onde foi retirado e tentar compreender a partir daí. Com essa postura não dá para taxar de "errado" a linha de raciocínio de alguém. Ao invés disso, deve-se sugerir que ele fale e comente sobre sua linha de raciocínio, para que se possa entender. Com isso o psicopedagogo poderá argumentar que o que ele está falando pertence a uma linha tal de raciocínio e que a do outro já leva para um caminho diferente. Isso nada mais é que uma abertura para a conversação, para a pergunta circular.

Para Fernández⁸:

"Nossa escuta não se dirige aos conteúdos não-aprendidos, nem aos aprendidos, nem às operações cognitivas não-logradas ou logradas, nem aos condicionantes orgânicos, nem aos inconscientes, mas às articulações entre essas diferentes instâncias. [...] Não se situa no aluno, nem no professor, nem na sociedade, nem nos meios de comunicação como ensinantes, mas nas múltiplas relações entre eles".

Na realidade, a questão do fracasso escolar ou o problema de aprendizagem sempre vão estar presentes nas instituições escolares, revelando-se com

baixo ou alto índice, de forma amena ou alarmante, com um discurso camuflado ou tangencial, apontando "culpados" ou rotulado comportamentos.

O psicopedagogo deverá trabalhar todas as questões que obstaculizam o ensinar e o aprender no "entre", interagindo, vinculando, articulando e cuidando.

CONCLUSÃO

Alguns paradigmas existentes na escola devem ser repensados. A escola deve ter: uma política de igualdade, que garanta oportunidades; ética da identidade, para afirmar-se na sua individualidade e saber respeitar a diversidade do outro; estética da sensibilidade, proporcionando o interagir. E é nesse contexto que entra o trabalho do psicopedagogo como articulador e promotor de ações que gerem mudanças, mesmo que de início sejam acanhadas, mas que, dentre outras, principalmente, minimizem os problemas relativos à aprendizagem.

O psicopedagogo tem que se autorizar sair da acomodação e questionar os anseios e as expectativas em relação à própria formação, ao seu trabalho, a sua vida.

O olhar psicopedagógico tem que está dirigido à individualidade do aluno, bem como sua atuação em grupo. Há a necessidade de tirar o professor de um lugar que o considera simplesmente como um transmissor de informação, fato este que é abraçado por vários docentes. Precisa-se preencher as lacunas da formação do professor, não por meio de receitas prontas, mas

de cursos de formação continuada, vislumbrando uma visão de homem como sujeito pensante e desejante.

Não existem fórmulas mágicas, prontas para se vencer as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Essas dificuldades muitas vezes são sintomas de que algo não vai bem, podendo ser identificado e até amenizado pelo educador, contando com o apoio do psicopedagogo.

Não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem que está regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando.

O psicopedagogo vai trabalhar de forma preventiva para que sejam detectadas as dificuldades de aprendizagem, antes que os processos se instalem, bem como, na elaboração do diagnóstico e trabalho conjunto com a família frente às ocorrências provenientes das dificuldades no processo do aprender. No entanto, não se pode falar em aprendizagem desconsiderando-se os aspectos relevantes na vida desse aluno que se relaciona e troca, a partir do estabelecimento de vínculos.

A prática psicopedagógica que respeita a individualidade do sujeito na rotina escolar é fundamental. A tentativa de sanar o sintoma sem compreender suas causas não surte o efeito desejado.

SUMMARY

Educational psychology practice in the school framework: not to manipulation, yes to contribution

The educational psychologist has a significant, preventive role in the complex learning process within the school framework, in which much information and many aspects must be taken into account and analyzed. Knowing how the student builds his/her knowledge, understand the dimensions of the relationships with the school, the teachers and the taught contents and linking them to the affective and cognitive aspects enable the educational psychologist to perform a more accurate work. It must be considered that the student's development happens in a harmonious and balanced fashion in the different organic, emotional, cognitive and social fields.

KEY WORDS: Schools. Psychoeducation. Family.

REFERÊNCIAS

1. Bossa NA. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
2. Barbosa LMS. A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. Curitiba: Expoente; 2001.
3. Nóvoa A. As organizações escolares em análise. Lisboa: Dom Quixote; 1995.
4. Bassedas E et al. Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico. Tradução: Neves BA. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
5. Gómez AI, Sacristan JG. Compreender e transformar o conhecimento e a experiência. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
6. Grossi EP, Bordin J. Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes; 1993.
7. Fagali HQ. Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós-modernidade. 2ª ed. São Paulo: Unidas; 2001.
8. Fernández A. O idioma do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Tradução Hickel NK. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001.